



INTELECTUALIDADE, LITERATURA E CRÍTICA LITERÁRIA BRASILEIRAS NA REFLEXÃO DE LUIZ COSTA LIMA

Eduardo da Silva de Freitas (UERJ)¹

Resumo: O texto sintetiza as ideias de Luiz Costa Lima sobre a intelectualidade, a literatura e a crítica brasileira, concentrando-se especialmente em artigos publicados em *Dispersa Demanda*, *Pensando nos Trópicos* e *Frestas* e nos livros *Por que a Literatura e Lira e Antilira*. Além da introdução e da conclusão, o texto apresenta três partes em que procura captar os eixos norteadores do pensamento de Luiz Costa Lima sobre o sistema intelectual brasileiro e como sua visão sobre a literatura e a crítica literária se inserem neste sistema.

Palavras-chave: Luiz Costa Lima; Intelectualidade; Literatura; Crítica Literária;

Introdução

Tomada em seu conjunto, a obra de Luiz Costa Lima aparece como um grande esforço para superar o desinteresse pela atividade intelectual especulativa que caracteriza a sociedade brasileira. Esforço que se manifesta tanto pela extensão propriamente, que, além dos inúmeros artigos e traduções publicados, já se aproxima dos 30 livros (atualmente está em 28), quanto pela profundidade das pesquisas que empreende e da vasta bibliografia que manipula.

Em linhas gerais, é possível dizer que a afronta de Costa Lima ao amplo desinteresse pela atividade intelectual no Brasil se concretiza especialmente por duas linhas de reflexão que se complementam e, na verdade, se interpenetram: de uma parte, pela tentativa de compreender e explicar o motivo desse descaso; de outra, pela indagação teórica na área dos estudos literários

No caso específico da primeira linha, que será abordada neste trabalho, é possível identificar três procedimentos realizados por Costa Lima que vão no sentido de romper com a condição precária da atividade intelectual no país. São eles: a caracterização da inteligência no Brasil; a valorização de certo tipo de literatura; e a atribuição de dimensão epistemológica à crítica literária. Desses procedimentos será feita uma breve análise nas páginas que se seguem.

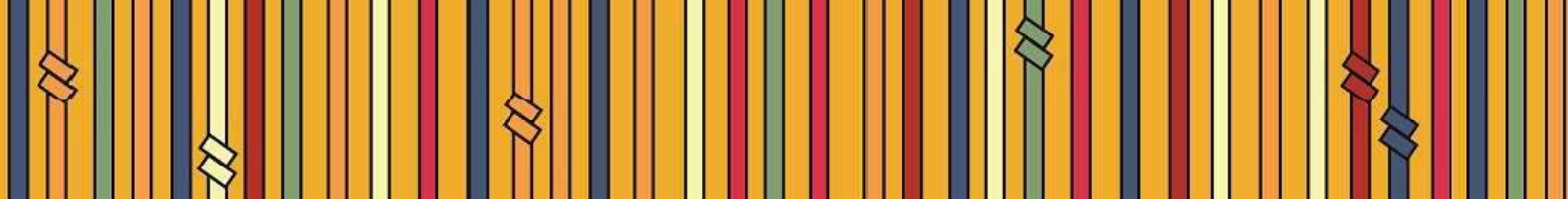
¹ Professor Adjunto do Instituto de Letras da UERJ. Contato: efreitasleco@gmail.com

A inteligência

As considerações de Costa Lima sobre a inteligência brasileira espalham-se por toda sua obra. Elas ocorrem tanto no meio de suas reflexões, na forma de digressão ou de interlocução com o leitor, quanto em certas situações mais marcadas, em prefácios ou em alguns artigos específicos sobre o tema. Em verdade, estes últimos formam uma espécie de segmento privilegiado para captar as ideias do crítico a respeito da organização e dos hábitos da inteligência brasileira, na medida em que condensam as posições manifestas naqueles outros lugares. Destacamos aqui três textos, a partir dos quais julgamos ser possível sintetizar o pensamento de Costa Lima sobre o sistema intelectual brasileiro. São eles: "Da condição precária do sistema intelectual brasileiro", de *Dispersa Demanda* (1981); "Dependência cultural e estudos literários", de *Pensando nos Trópicos* (1991); e "Nosso país, será isso mesmo?", de *Frestas* (2013).

Embora tenham sido escritos em épocas distintas não só da vida do país e mas também do andamento das pesquisas de Luiz Costa Lima, os textos expressam uma visão persistente sobre as questões que pairam sobre nosso sistema intelectual. Em primeiro lugar, chama atenção a renitente recusa do crítico em tratar os problemas que identifica como consequências diretas das condições materiais de nossa sociedade. Embora não as julgue de todo irrelevante para o entendimento da vida intelectual, sempre parte do princípio de que as explicações se encontram mais adequadamente nas disposições culturais e costumes. Em verdade, os fatores culturais desempenhariam um papel tão ou mais importante para a precariedade da vida intelectual do país do que a situação econômica propriamente.

Embora este seja um ponto que se manifesta claramente nos três artigos mencionados, fiquemos apenas com o exemplo oferecido no texto que integra o *Pensando nos Trópicos*. Pois bem, ao tratar ali da questão da dependência cultural do país, Costa Lima não defende que essa situação possa ser imputada somente à sujeição econômica: a vassalagem do primeiro campo não seria consequência da submissão no segundo. Para Costa Lima o quadro é mais complexo. Ora, se a vida intelectual fosse um reflexo puro e simples da vida econômica, os Estados Unidos, na condição de centro econômico do capitalismo, deveriam também deter uma produção cultural superior. No entanto, não é isso que se passa, pois os EUA, nas áreas da crítica literária, da filosofia e



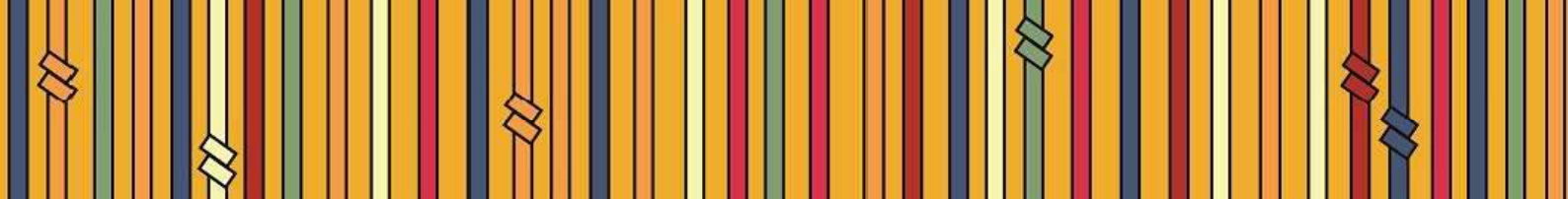
da história são dependentes da legitimação europeia (1991, p. 267-8). Quer dizer, não há como transpor a condição econômica para a vida cultural sem fazer algumas mediações.

Na obra de Costa Lima, a essa percepção corresponde a tentativa de levantar os valores e os hábitos culturais responsáveis pela fragilidade do sistema intelectual. Tentativa que não se esgota numa descrição esquemática do que seria o *tipo* brasileiro, mas que busca identificar os costumes que a provocam, bem como localizar as origens ou ocorrências históricas de tais costumes. Por vezes, Costa Lima tenta exprimi-los em conceitos ou expressões, mas está sobretudo preocupado em apontar as dimensões desses costumes e suas influências.

Talvez se possa dizer que o conjunto de hábitos e valores arrolados pelo crítico se abrigam sob duas ideias mais centrais. Uma delas seria a de que a sociedade brasileira e o sistema intelectual dentro dela são marcados por certa relação com a palavra que prevê a ausência de qualquer dispêndio de energia na produção, tanto da parte de quem escreve/fala quanto da de quem lê/ouve. A outra, restrita ao próprio sistema, consistiria na falta de originalidade e na tendência retransmissora da produção intelectual do país.

O emprego superficial da palavra remontaria ao período colonial, estendendo-se, porém, aos dias atuais, embora sob formas diferentes. A sociedade implantada no Brasil pelo processo de colonização portuguesa teria dado origem a um tipo de intelectual deslocado, não integrado nem com o português nem com o brasileiro, cujo modelo seria Gregório de Matos. Isolado, esse “enraizado desenraizado” (COSTA LIMA, 1981, p. 4) não só se converte num moralista que critica o meio em que vive porque julga ter o direito de viver em outro lugar, como também se serve de uma eloquência vazia, acrítica e entusiasmada com a natureza tropical. A herança que traríamos dessa época seria “uma cultura fundamentalmente *literária* [...] onde a *criticidade* é determinada e, ao mesmo tempo, amainada pelo *desenraizamento* [...] e pelo *moralismo* [...]; cultura ainda onde se abre como sulco alternativo o *nativismo* (precursor do nacionalismo) e o retoricismo” (COSTA LIMA, 1981, p. 5).

Ao longo do tempo, esta tendência “literária” ou bacharelesca da cultura brasileira se atualizaria de outras formas. Enquanto no século XIX, após a independência, assumiria um estilo empolado para revestir um fraseado vazio de sentido, nos dias atuais, sua manifestação dispensaria inclusive seu ar pomposo para exprimir-se na linguagem comum (COSTA LIMA, 2013, p. 454-456) a que se emprestaria, ora um tom



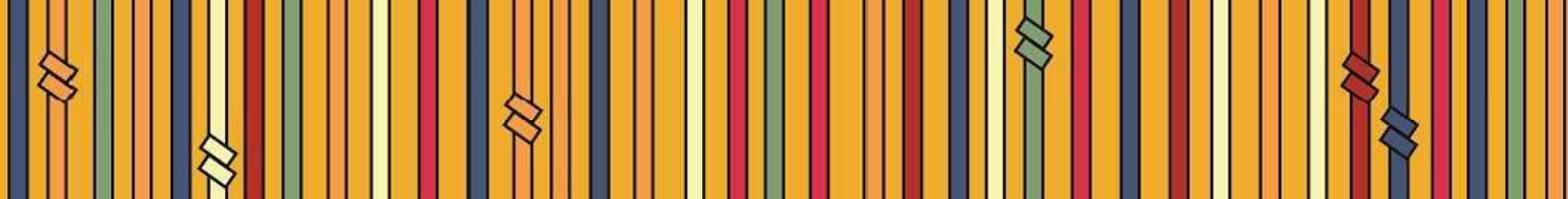
fúnebre, ora, engraçado. Neste caso, é importante não perder de vista que o “empertigamento” e a “frivolidade” são imputadas não apenas aos produtores dos bens culturais, mas também aos próprios receptores.

A síntese desses hábitos é formulada no neologismo “auditividade”, forjado pelo crítico para definir a prática dos intelectuais brasileiros de escreverem para persuadir recorrendo mais aos torneios de palavras do que aos encadeamentos argumentativos (COSTA LIMA, 1981, p. 16). Operando em duas frentes, o elemento “auditivo” da cultura brasileira contribuiria tanto para a existência de instituições e práticas autoritárias, (COSTA LIMA, 1981, p. 18), quanto para a manutenção da dependência cultural: como as discussões se fundam mais na persuasão do que na argumentação, a recorrência a um sistema prévio, elaborado nos centros de cultura, decide o êxito de alguma posição.

A essa situação liga-se o fato de o pensador brasileiro colocar-se frequentemente como difusor das ideias concebidas em outros lugares. Para Costa Lima, apesar de algumas variações, este é um comportamento que se manifesta pelo menos desde o século XIX. Naquele momento, o “*receio de ser original*” (COSTA LIMA, 1981, p. 10, grifos do autor) seria motivado pela má formação do intelectual, pelo interesse do receptor no rebuscamento da linguagem em detrimento da especulação e pela própria educação prática do intelectual, que o fazia se afastar da teorização. Mais contemporaneamente, a falta de originalidade resultaria sobretudo da convivência do próprio grupo de pensadores que, acomodados ao papel de difusor, buscam fundamentar seu reconhecimento apresentando-se como discípulo de algum intelectual ilustre. (COSTA LIMA, 1991, p. 273).

Seja como for, não se deve imaginar que a severidade do crítico seja motivada por algum sentimento nacionalista. Na verdade, Costa Lima considera equivocada a tentativa de superação da dependência cultural do país exclusivamente pela abordagem das questões nacionais. No seu entendimento, na medida em que o esforço de evitar a submissão cultural se concentrasse apenas nesse tipo de tema, ele tão só estimularia um chauvinismo temerário e comprometedor da formação intelectual (COSTA LIMA, 1991, p. 276).

Considerando o que se disse, pode parecer curioso que à capacidade de identificar as constantes problemáticas que afetam o sistema intelectual brasileiro não corresponda



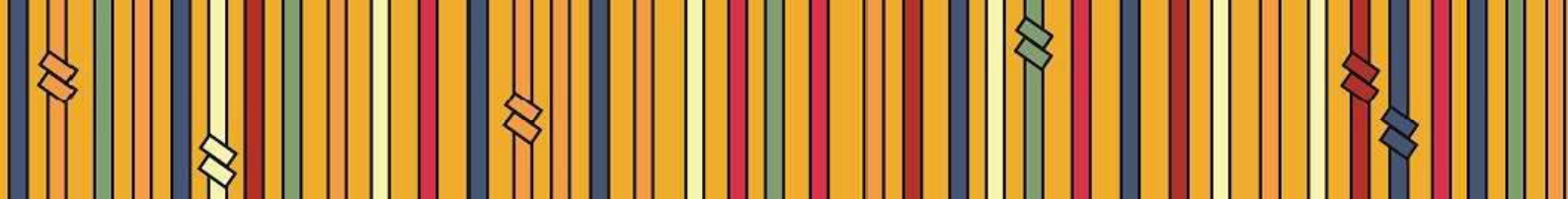
a vocação para formular meios de romper com este cenário. De fato, apenas no artigo que aparece em *Pensando nos Trópicos*, se encontra algum encaminhamento propositivo. Essa aparente dificuldade em encontrar alternativas para enfrentar o quadro que se apresenta, porém, parece condizente com sua ideia de ser a imprevisibilidade o que define o campo das ciências humanas. De todo modo, embora haja um travo amargo em sua percepção sobre o sistema intelectual, isso não significa que dê por certa a manutenção de sua condição precária. Nesse sentido, aproveitando uma expressão de Flora Süssekind (1999, p. 112), talvez seja possível dizer que, assim como para o caso da ficção, suas ideias sobre a intelectualidade no país também se desenvolvem por uma “via negativa”, na medida em que se constroem sobretudo pelo entendimento de seus problemas.

A literatura

Já que se tomou emprestada a expressão “via negativa” para se referir ao modo de reflexão que Costa Lima desenvolve a respeito do ambiente cultural brasileiro, talvez não seja exagerado recorrer a ela para também cobrir o pensamento que o crítico desenvolve sobre a literatura. Lembre-se que ele manifesta seu incômodo por lhe parecer não haver avançado “sobre a extensão do campo da chamada ‘literatura’” (BASTOS, 2010, p. 360) até a publicação de *História. Ficção. Literatura*.

Neste livro, Costa Lima (2006, p. 348) se declara surpreso com a centralidade que o ficcional tinha assumido na sua abordagem da literatura: a tal ponto vinha confundindo um termo com outro que acabava estreitando a dimensão do literário. Constatado o fato, empreende uma classificação dos tipos de discurso literários que não se poderiam chamar de ficção. Sua característica principal seria a de apresentar uma “espessura de linguagem”, termo que define uma linguagem capaz de tornar os textos objetos que se impõem à sensibilidade do leitor, isto é, que não se esgotam na sua simples percepção, nem se dirigem ao domínio exclusivo do conceitual (COSTA LIMA, 2006, p. 350). Assim, desde que apresentassem essa “espessura”, poderiam fazer parte da literatura as memórias, as autobiografias, os relatos de viagens, as cartas, algumas obras científicas e mesmo textos cujo sentido se esgota no consumo.

Embora posteriormente tenha posto algum reparo nesta classificação (BASTOS, 2010, p. 360), seu esforço em propor alguma definição para o que chamamos

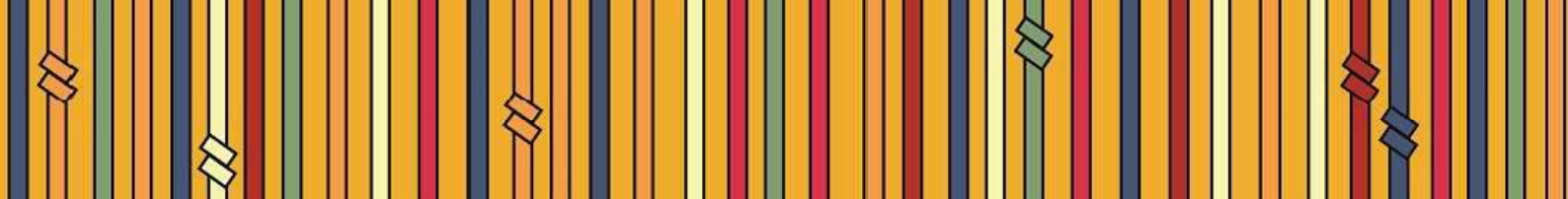


“literatura” é reveladora da relação que se estabelece entre sua especulação teórica e suas ideias de crítico, na medida em que a formulação dos conceitos se funda na análise concreta dos textos. Para além de construir uma simples tipologia textual, Costa Lima busca captar a forma pela qual os textos podem se inscrever na experiência estética.

Seja como for, embora as formulações que se apresentam no livro *História. Ficção. Literatura* sejam fundamentais para o entendimento da concepção de Costa Lima sobre a literatura, elas não bastam para captar o tipo de construção literária que privilegia: isto é, não revelam seu posicionamento como crítico. Sua visão crítica aparece efetivamente ao longo de suas análises de obras literárias. Quanto a isso, apesar da vastidão do *corpus* que, de imediato, parece se avolumar, julgamos ser suficiente para a execução dessa tarefa que o foco seja lançado apenas sobre suas duas primeiras obras, *Por que a literatura?*, de 1966, de que se mencionará apenas o primeiro texto, e *Lira e Antilira*, originalmente publicado em 1968. Nelas, já está contido o cerne das ideias que Costa Lima viria desenvolver ao longo de suas pesquisas.

Pois bem: já se chamou atenção para a importância que o ficcional tem na ideia de literatura de Costa Lima. Em termos críticos, ele funciona como parâmetro de uma escala que se utiliza criticamente para aferir a qualidade artística de um texto literário. Embora o desenvolvimento da reflexão se desse paulatinamente em sua obra, desde o início se nota a centralidade desse conceito para sua valoração da literatura, então definida como “criação ficcional em palavras”. (COSTA LIMA, 1966, p. 13). De imediato, chama atenção o fato de que Costa Lima, mesmo em suas primeiras palavras sobre o assunto, não confundia ficção com supressão da realidade. Contrapondo-se, então às ideias de Sartre, para quem a arte aniquilaria o real, Costa Lima defende que haveria uma suspensão da realidade, que, todavia, não deixaria de alimentar a arte (1966, p. 17-20).

Ainda que posteriormente viesse a buscar apoio em outras ideias filosóficas para ligar o real e a ficção literária, o fato é que já então procurava destacar que “a literatura não [seria] uma fuga, embora também p[udesse] sê-lo”, nem a “poesia se confund[iria] com queixas pessoais, embora esta também p[udesse] ser sua matéria”. (COSTA LIMA, 1966, p. 25). Eminentemente teórico, este pensamento de Costa Lima traz alguns dos parâmetros com que julgará, ao longo de toda sua trajetória, os textos que analisará:



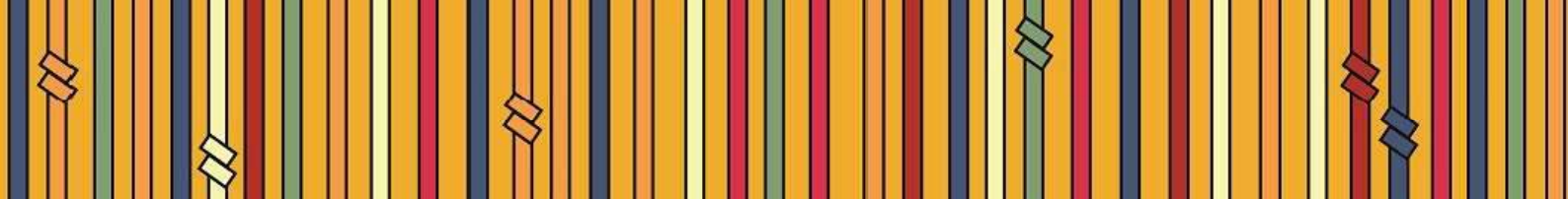
quanto mais se apresentem como fuga da realidade ou como queixa pessoal, menor será sua qualidade literária.

Por exemplo, no *Lira e Antilira*, ao tratar da obra poética de Mário de Andrade, os maiores reparos são destinados aos poemas que considera evasivos e mais carregados de subjetividade. Falando de *Pauliceia Desvairada*, livro em que Mário de Andrade recorre a uma estética passadista para abordar a cidade de São Paulo, organizada em torno da economia cafeeira e da indústria, Costa Lima (1995, p. 52-61) entende que as melhores composições seriam aquelas em que o lirismo ora encarnaria um tom dramático, ora seria freado pela ironia. Por outro lado, os poemas de menor valor são os que apresentam um teor “psicologizante” (COSTA LIMA, 1995, p. 52) e os que idealizam as tensões existentes nas relações sociais, seja por meio do gracejo, do abrandamento, do jogo vazio de palavras ou do esteticismo.

Aliás, quanto a estes últimos atributos, os reparos dos críticos são ainda mais incisivos quando os encontra em textos que não têm finalidade artística, porque, no seu entendimento, esses traços comprometeriam o raciocínio sobre o objeto ao encobrirem suas ideias com uma carga emotiva ou sentimental. Diga-se, de passagem, que as ressalvas de Costa Lima à antropofagia de Oswald e às obras de Euclides da Cunha e de Gilberto Freyre sobre certos aspectos da vida brasileira são devidas à percepção de que incorporam em alguma medida estas formas de evasão.

Para o crítico, portanto, uma ficção literária de qualidade superior está ancorada na realidade., o que não significa pensá-la como uma espécie de *reprodução* das disposições do ambiente social ou do natural. Em verdade, a proximidade com o real se dá pelo aporte da dimensão “humanizante” à representação fictícia da realidade, que não se confunde com uma preocupação programática de interferir no mundo. Em *Por que a literatura*, este pensamento de Costa Lima se traduz em repúdio à “facilitação” da literatura, à época concebida como forma de se dirigir às massas contra o governo ditatorial que havia se instalado em 1964. Baseando-se nos casos de Portugal e Espanha, ele argumenta que a postura de engajamento apenas provocava uma queda na qualidade da obra, sem que conseguisse atingir a ditadura. (COSTA LIMA, 1966, p. 39).

O desdobramento dessa posição ao longo do percurso intelectual do crítico se traduz de modo mais evidente no rechaço do “documentalismo” e do nacionalismo na construção da literatura. Em seus escritos, o autor não costuma analisar textos literários



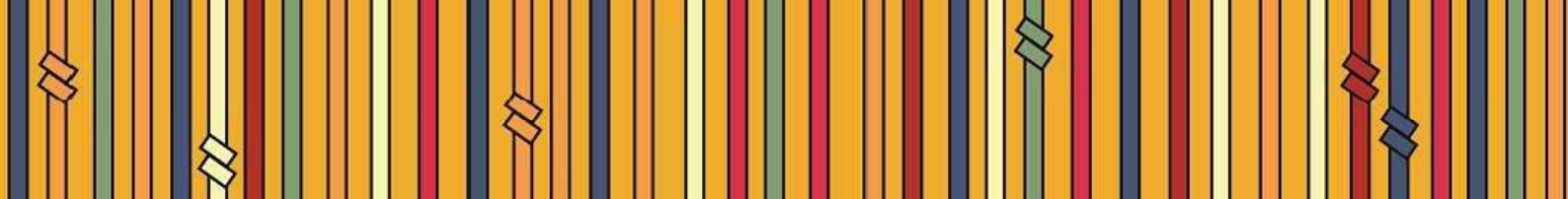
que se destaquem por sua dimensão “documental” – que pretendam “retratar” uma sociedade, uma época, etc. – ou por seu ímpeto nacionalista. Quando os identifica, sempre é para destacar como prejudicam a fatura artística das obras.

Contudo, ao lado dessa “via negativa”, talvez mais evidente, se nota igualmente o tipo de produção literária valorizada pelo crítico. Voltando ao *Lira e Antilira*, ele se encontra especialmente representado na poesia de João Cabral de Melo Neto. Em primeiro lugar, Costa Lima julga que a construção poética do escritor pernambucano é melhor do que a de seus predecessores porque se afasta do lirismo subjetivo e se dirige a uma representação pictórica aberta à existência humana (COSTA LIMA, 1995, p. 221). Quer dizer, a superioridade de Cabral está no fato de que seus poemas, além de apresentarem um lirismo que emocionaria mais pela “visibilidade” do que pela evocação de estados sentimentais do autor ou do leitor (COSTA LIMA, 1995, p. 246), incorporam a realidade natural como recurso à representação dos aspectos da existência humana no ambiente nordestino (COSTA LIMA, 1995, p. 314-318).

Uma espécie de síntese de suas ideias sobre qual tipo de literatura entende ser a mais bem elaborada aparece no comentário que faz sobre Graciliano Ramos e João Cabral. Na obra desses escritores, Costa Lima vê uma forma de “humanismo ativo” que não se limita à empatia com o homem para a realização artística, mas que se realiza pela “pragmatização da palavra”, isto é, que ensina “pela palavra, sem, entretanto, nela imiscuir qualquer fácil didatismo” e que elimina os ornatos para que na palavra “não mais caiba que o estrito humano e as coisas estritas que ele toca. [...]” (COSTA LIMA, 1995, p. 325).

A crítica literária

A rigor, os momentos em que Costa Lima se detém sobre o espaço da crítica literária na cultura brasileira poderiam ser incluídos num conjunto maior a que corresponderiam suas já mencionadas considerações a respeito do sistema intelectual. No entanto, uma vez que este é o campo do sistema em que atua parece conveniente tomar à parte suas ideias quanto à crítica. Julgamos que suas opiniões se encontram em cinco artigos publicados nos três livros mencionados anteriormente no tópico 2. São eles: “A crítica literária na cultura brasileira do século XIX”, “Questionamento da crítica literária” e “Quem tem medo da teoria?” *Dispersa Demanda*; “A concepção da



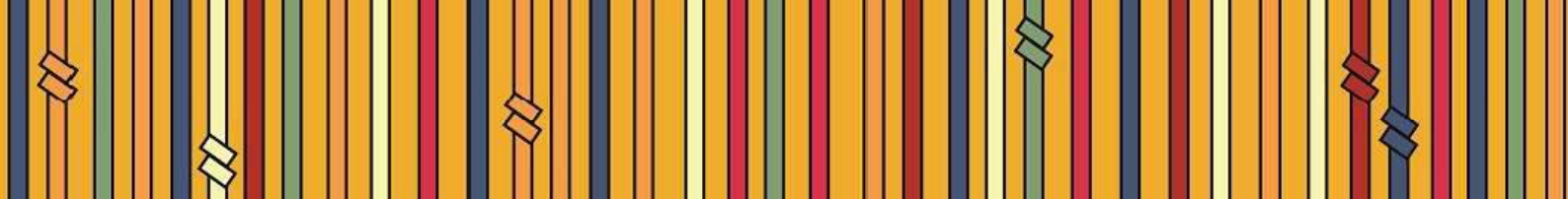
História Literária na Formação”; *Pensando nos Trópicos*; e “Ainda se lembram do que era a crítica?” *Frestas*.

O elemento subjacente em cada um desses textos é a convicção de que a crítica literária pode desempenhar um papel relevante para uma teoria do conhecimento que rompa com o primado da razão e valorize os produtos que se relacionam mais intensamente com o imaginário. Para se realize dessa forma, o primeiro passo seria que ela não se limitasse a um julgamento da obra restrito à sua recomendação ou rejeição, nem se reduzisse à mera aplicação de uma nomenclatura técnica aos textos literários. Ao contrário disso, o importante seria que expusesse “a cadeia demonstrativa” a partir da qual atribui valor ao objeto estético (COSTA LIMA, 1981, p. 200).

Dessa perspectiva, a crítica seria definida como um discurso racional em favor da imaginação, de modo que, embora possa conter algo de emocional, ela não seria outra forma de gênero literário. Proposta como uma “atividade capaz de mostrar a lógica de um objeto, experimentado como estético” (COSTA LIMA, 1981, p. 206), ela deveria se posicionar contra a *superioridade* que se concede à razão, não propriamente contra a razão.

Em relação ao sentido que assumem especificamente no contexto brasileiro, a concepção e a prática da atividade crítica por Costa Lima surgem como formas de superar a escassa de teorização a respeito do que se entende por literatura. Efetivamente, sua atividade se opõe à ideia de que a crítica é inútil, hermética, pedante, contra-intuitiva e cientificista (COSTA LIMA, 1981, p. 195), defendendo-a, numa dimensão mais ampla, como atividade especulativa de cunho epistemológico, mas também a exercendo, mais especificamente, como atividade interpretativa dos textos literários em relação com as sociedades em que aparecem e por que circulam.

No seu entendimento, devido à sua carência teorizadora, a crítica literária brasileira estaria ainda hoje assentada em pressupostos muito semelhantes aos do momento de seu aparecimento no país durante século XIX. Nesse sentido, Costa Lima aponta uma linha determinista que, iniciada com o darwinismo social de Sílvio Romero, teria na teoria do reflexo de cunho marxista sua forma atual (COSTA LIMA, 1981, p. 31-40; 2013, p. 489-491). Além dela, faz remontar a crítica impressionista, que se entende como atividade literária, a José Veríssimo e Araripe Jr, cujos critérios se erigiram respectivamente sobre a tradição retórico-gramatical ou sobre o psicologismo



anticientífico (COSTA LIMA, 1981, p. 41-53; 2013, p. 491-493). Por fim, reconhece ainda uma tendência histórico-nacionalista, não necessariamente concorrente das outras, a qual Antonio Candido teria sofisticado ao substituir o “exotismo” e o “brasileirismo linguístico” dos primeiros românticos pela ideia de coesão social, de “sistema literário” (COSTA LIMA, 1991, p. 157; 159-161) como conteúdo central do nacionalismo.

Da parte de Costa Lima, o anseio de alterar este quadro se efetiva na teorização que desenvolve em relação à *mimesis* e do “controle do imaginário”. A maneira como desenvolve e articula estes conceitos representam a tentativa de realizar sua ideia de crítica atenta às questões filosóficas e sociais mais profundas presentes no texto literário. Trata-se de acreditar que tanto a literatura quanto a crítica literária estão ligadas a certas necessidades fundamentais do homem, necessidades que estão além da razão pragmática e que se inserem em certa dimensão da existência humana que não convém ser considerada inferior.

Conclusão

Costa Lima não foi efetivamente o primeiro pensador a perceber o desinteresse geral da sociedade brasileira pela atividade intelectual especulativa. A constatação desse amplo descaso se nota, por exemplo, em Sérgio Buarque de Holanda, para quem permaneceu como herança na sociedade brasileira o “desleixo” (1995, p. 110) dos colonizadores portugueses, menos preocupados com o planejamento de suas ações do que com ganhos rápidos. Percebe-se também em José Veríssimo (1977, p. 248), que, citando justamente o espírito ávido de resultados do brasileiro, lamentava, em fins do século XIX, o sufocamento da ocupação com a literatura, as artes e as ciências pelo desejo de ganho e poder espalhado pela sociedade.

Seria possível acrescentar o de Antonio Candido, que identificou precisamente certo “sentimento de missão” (1997, I, p. 26) ou uma espécie “consciência social” (2011, p. 237) no intelectual do campo literário, que, por vezes, não se preocupa tanto com a dimensão estética de sua obra para atender a alguma inclinação nacionalista ou para atuar sobre os problemas que identifica na sociedade.

Nesse sentido, as reflexões de Costa Lima podem ser integradas num tipo de prática frequente entre os intelectuais brasileiros que procuram compreender as condições de vida no país, a fim de superá-las. Mas mais do que constatar os problemas,

ele empreende uma via de reflexão que está efetivamente distante tanto do imediatismo mais mesquinho e interesseiro da sociedade em geral, quanto do engajamento nacionalista que o corpo intelectual por vezes pratica. Dessa forma, Costa Lima atribui outro sentido à ideia de engajamento e participação do intelectual no contexto brasileiro: a ele caberia levar ao máximo o pensamento especulativo, a fim de que, estimulando outras pessoas, servisse para alteração das condições existências do próprio ambiente intelectual e da sociedade como um todo.

Referências Bibliográficas

BASTOS, Dau (org.). *Luiz Costa Lima: uma obra em questão*. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.

CANDIDO, Antônio. “A revolução de 1930 e a cultura”. In.: _____. *A Educação pela Noite*. Rio de Janeiro: 2011

_____. *Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos*. v. 1. Rio de Janeiro: Itatiaia, 1997, 8ª ed.

COSTA LIMA, Luiz . A crítica literária na cultura brasileira do século XIX. *Dispersa Demanda*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981a.

_____. Da existência precária: o sistema intelectual brasileiro. *Dispersa Demanda*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981b.

_____. Dependência cultural e estudos literários. In: _____ *Pensando nos Trópicos: dispersa demanda II*. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.

_____. *História. Ficção. Literatura*. São Paulo: Cia das Letras, 2006

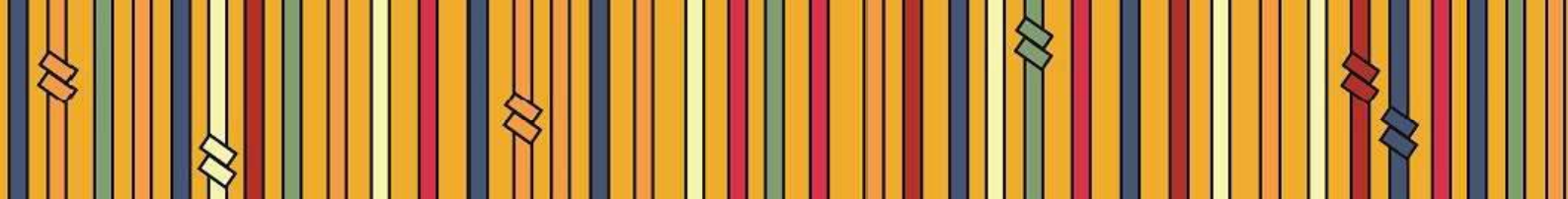
_____. *Lira e Antilira: Mário, Drummond, Cabral*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1995, 2ª ed. rev.

_____. Nosso país, será isso mesmo? . In: _____. *Frestas: a teorização em um país periférico*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013.

_____. *Por que a literatura*. Petrópolis (RJ): Vozes, 1969.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

ROCHA, João Cezar de Castro. Introdução: o estilo intelectual de Luiz Costa Lima. In: GUMBRECHT, Hans Ulrich; ROCHA, João Cezar de Castro (Orgs). *Máscaras da Mimesis: a obra de Luiz Costa Lima*. Rio de Janeiro: Record, 1999.



SÜSSEKIND, Flora. A via negativa de Luiz Costa Lima. In: GUMBRECHT, Hans Ulrich; ROCHA, João Cezar de Castro (Orgs). *Máscaras da Mimesis*: a obra de Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Record, 1999.

VERÍSSIMO, José. A nossa vida literária. In: BARBOSA, João Alexandre. *José Veríssimo*: teoria, crítica e história literária. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1977.